



Relações pessoais e míticas entre as personagens n'*A jangada de pedra*

Maria Amália Cassol Lied*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as personagens no romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, frente aos acontecimentos com a Península Ibérica, demonstrar os eventos que acontecem com cada uma delas, assim como entre elas, e concluir como os indivíduos reagem frente a grandes mudanças.

Palavras-chave: *A Jangada de Pedra*, José Saramago, Península Ibérica, personagens, relações.

Abstract: This paper analyzes characters from *The Stone Raft*, written by José Saramago, facing the Iberian Peninsula events. The goal is to show the different situations that happen with each character and also among them. As conclusion, we show how the individuals respond to great changes.

Keywords: *The Stone Raft*, José Saramago, Iberian Peninsula, characters, relationships.

O romance de José Saramago, *A jangada de pedra*, traz a tona à questão de identidade, partindo do ponto principal do livro: a viagem. Segundo Octavio Ianni (2000, p. 14), em *A metáfora da viagem*, “sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades”. A partir desse mote, encontram-se, no romance, as personagens que, mesmo com diferentes personalidades, jeitos de ser, acabam por se complementar. E, com isso, fazem uma viagem em busca de suas identidades, como também em busca da identidade do povo português, espanhol e galego, enquanto nações dentro do grande grupo da Europa.

José Saramago escreve *A jangada de pedra* no mesmo período em que Portugal e Espanha passam a integrar a Comunidade Econômica Europeia, fato ocorrido sob pressão, pois esses países tinham um posicionamento cultural e político distinto em relação aos demais. Por isso, a ideia do Saramago de deslocar a Península Ibérica, expressando seu descontentamento em relação a tal fato. A Península Ibérica se move em direção ao sul e estaciona em lugar equidistante da América do Sul e da África – regiões que colonizara.

A narrativa trata de duas viagens: uma externa, no caso, o deslocamento da Península Ibérica, e outra, interna, com o encontro das personagens. Logo no início do romance ocorre a apresentação das personagens, sendo elas: Joana Carda – portuguesa, Joaquim Sassa –

* Graduada em Letras (UFRGS).

português, Pedro Orce – espanhol, José Anaiço – português, Maria Guavaira – galega. Além destes, humanos, temos a presença do Cão Constante, responsável, através da linha de lã azul que carrega em sua boca, por “percorrer toda a península como que a invocar essas pessoas a se irmanarem no fenômeno da separação” (GONÇALVES, 1997, p. 83-84).

A partir dessas personagens, desenvolve-se a ideia da mítica do movimento: como uma península inteira desloca-se? E, com esse ponto de partida, as personagens acabam por descobrir umas às outras em busca de alguma resposta, já que acreditam terem sido as causadoras de tais fenômenos.

1 Personagens e suas relações com o movimento da Península Ibérica

Ao iniciar a obra, Saramago apresenta as personagens com que embasará a obra e as suas interrelações, tanto entre elas próprias, quanto em relação à península em movimento. Cada uma diz-se responsável pelo acontecimento para com a península, cada uma tem uma história para contar. São apresentadas, logo no primeiro capítulo, todas as personagens que irão compor a obra e suas possíveis razões de serem as causadoras de tal fenômeno.

1.1 Joana Carda

Joana Carda é a primeira personagem apresentada no capítulo inicial, que informa: “Quando Joana Carda riscou o chão com a vara de negrilho, todos os cães de Cerbère começaram a ladrar, lançando em pânico e terror os habitantes, [...]” (SARAMAGO, 1986, p. 7). Tem-se aí a personagem “responsável” pela fenda que se abre entre a Península Ibérica e o restante da Europa, pois, graças a esse risco que ela fez com a sua vara de negrilho, tudo ocorreu. “Aceitar-se-á, portanto, como natural e legítima, a Carda com a vara de negrilho, causa directa de se estarem rachando os Pireneus, que é o que tem vindo a ser inusitado desde o princípio.” (idem, p. 29). Joana Carda é portuguesa, divorciada e mora na região de Ereia.

Após o encontro de Joana Carda com José Anaiço, suas respectivas apresentações e conversas, ela explica o que aconteceu: “Estava o pau ali no chão, fiz um risco com ele, se por tê-lo feito é que estas coisas acontecem, quem sou eu para jurar, o que é preciso é ir lá e ver.” (idem, p.119).

O interessante é que, no mesmo momento em que ela fez isso, as outras personagens também sentem ou fazem coisas estranhas.

1.2 Joaquim Sassa

No momento em que Joana Carda risca o chão com a vara de negrilho, no local em que ela se encontrava, Joaquim Sassa caminha pela praia, no Porto, cidade em que reside, sente vontade de pegar uma pedra que está no chão, para jogá-la ao mar; porém essa pedra era absurdamente pesada, como é explicado no primeiro capítulo:

e uma pedra que adiante se via, fora do alcance das marés, levantou-a Joaquim Sassa, e era pesada, larga como um disco, irregular, fosse ela das outras, maneirinhas, de contorno liso, daqueles que cabem folgadas atirando a rasar a água plana, para a ver saltar, puerilmente feliz com a própria destreza, e enfim mergulhar, já perdido o impulso, pedra que parece ter o destino traçado, ressequida de sol, molhada de chuva, e afinal mergulhando na escura profundidade para esperar um milhão de anos, até que esse mar evapore, ou recuando o faça regressar a terra por outro milhão de anos, dando ao tempo tempo de descer à praia outro Joaquim Sassa, que sem saber repetirá o gesto e o movimento, nenhum homem diga, Não farei, segura e firme não está nenhuma pedra. (idem, p. 10).

Joaquim Sassa, simples funcionário de escritório, fica perplexo com o fato que fez e ao ouvir o noticiário o que estava acontecendo na Península Ibérica sai em busca de respostas, dirigindo-se, primeiramente, ao encontro de José Anaiço, por ficar sabendo do fenômeno ocorrido com tal.

1.3 José Anaiço

Aleatoriamente um bando de estorninho começa a segui-lo para onde quer que José Anaiço vá. Professor dos primeiros anos, português, vivia tranquilamente em sua cidade, morando ao lado da escola. Segundo o narrador, o que aconteceu foi que este “atravessava uma planície inculca, de mato e ervaçais alagadiços”, solitariamente, quando se deparou com “um bando de estorninhos, tantos que faziam uma nuvem escura e enorme, como de tempestade” (idem, p. 20), sobrevoando sobre sua cabeça. Indo em busca de José Anaiço, Joaquim Sassa, ao encontrar com alguns viajantes e pedindo informações sobre tal, lhe informam: “O professor da terra, o nome dele é José Anaiço, há alguns dias que para onde quer que vá, vai um bando de estorninhos, não são menos de duzentos [...]” (idem, p. 55). Como forma de entender o acontecido, conclui “Que quererão de mim estas criaturas, não estranhemos a palavra desusada, há dias em que as comuns não apetezem” (idem, p. 20), concluindo que as coisas não estão mais da forma que eram e que algo está para acontecer, ou já aconteceu, do qual provirá uma grande mudança.

1.4 Pedro Orce

É no momento que Joaquim Sassa lança a pedra ao mar que Pedro Orce começa a sentir o chão tremer embaixo de seus pés:

Por isso é que, tendo-se falado primeiro de Joaquim Sassa, só agora se irá falar de Pedro Orce, quando lançar Joaquim uma pedra ao mar e levantar-se Pedro da cadeira foi tudo obra de um instante único, ainda que pelos relógios houvesse uma hora de diferença, é o resultado de estar este em Espanha e aquele em Portugal. (idem, p. 12).

Pedro Orce está próximo dos sessenta anos, é a mais idosa das personagens, é farmacêutico no vilarejo de Venta Micena, porém é natural da região de Orce, Espanha, de onde ganhou esse nome. Segundo ele, “a causa de terra tremer foi ter batido com os pés no chão quando se levantou da cadeira”; na fala dele: “Pus os pés no chão e a terra tremeu.” (idem, p. 13). Mas sabia que se falasse para qualquer pessoa o que havia acontecido, seria tachado de mentiroso, de louco, por isso, esse movimento das personagens de encontrarem-se, pois só quem realmente sentia esses fatos seria capaz de acreditar e buscar uma resposta. O restante da população apenas estava a não entender o que acontecia e buscava meios de abandonar a Península Ibérica.

1.5 Maria Guavaira

Ao deparar com essa personagem, tem-se a ideia de união, pois é por ela ter desfiado a meia de lã, com lã interminável, que as personagens acabam por unir-se com a ajuda do Cão Constante. Maria Guavaira, viúva, moradora de região rural na Galiza, comunidade autônoma espanhola, é a última personagem humana apresentada pelo narrador afetada por um evento sobrenatural. O fio de lã desfiado da meia azul encheu o equivalente a um quarto da casa em que mora. Narra o livro:

E agora esta mulher, Maria Guavaira lhe chamam, estranho nome embora não gerúndio, que subiu ao sótão da casa e encontrou um pé-de-meia velho, [...]. Passou uma hora e outra e outra, e o longo fio de lã azul não pára de cair, porém o pé-de-meia parece não diminuir de tamanho, não bastavam os quatro enigmas já falados, este nos demonstra que, ao menos uma vez, o conteúdo pôde ser maior que o continente. (idem, p. 16)

Ao término da citação, ao final do primeiro capítulo, após a narração dos outros quatro enigmas anteriormente citados, o narrador dá uma das suas pitadas de ironia, ao dizer que, independente do que as pessoas ou coisas são externamente, nunca se poderá imaginar o que há por dentro.

1.6 Cão Constante

Não se trata de uma personagem humana, porém seu papel durante a narrativa tem extrema importância, pois ele, a partir do fio de lã azul do pé-de-meia de Maria Guavaira, faz com que as cinco personagens unam-se, primeiramente, na casa de Maria Guavaira: “Um cão apareceu entre as árvores, do outro lado. Olhou-os demoradamente, depois atravessou a clareira, era um animal grande, robusto, de pêlo fulvo, de repente numa faixa de sol parece incendiar-se em fogo vivo.” (idem, p.142)

As personagens, ao se deparar com o cão, assustam-se e tentam fazer com que ele saia de perto: “Enervado, Joaquim Sassa atirou-lhe uma pedra, das correntes, Não gosto de cães, mas não lhe acertou. O cão parou, nada assustado, nada ameaçador, parou apenas para olhar, não ladrou sequer.” (idem, p. 142). Porém, quando se aproximam do automóvel, o cão encontra-se lá parado, a espera dele:

Pedro Orce aproximou-se dele, estendeu a mão num gesto de paz, como para acariciá-lo. O cão ficou quieto, de cabeça levantada. Tinha na boca um fio de lã azul que pendia húmido. Pedro Orce passou-lhe a mão pelo dorso, depois voltou-se para os companheiros, Há momentos que avisam quando chegam, a terra treme debaixo das patas deste cão. (idem, p. 143)

Nesta última citação, constata-se que o cão tem um fio de lã na boca e sente o mesmo tremor embaixo de suas patas, que Pedro Orce sente embaixo de seus pés. A partir de então, ele será o responsável por mostrar o caminho a seguir pelas quatro personagens com o objetivo de encontrar Maria Guavaira.

Considerar o Cão Constante uma personagem durante a narrativa é de extrema importância, pois é o responsável pela união das cinco personagens humanas e também pela relação amorosa de Maria Guavaira e Joaquim Sassa. Há também outras personagens não-humanas ao longo da narrativa, como os Dois Cavalos, tanto o máquina quanto a galera, porém, apesar de suas importâncias no quesito de deslocamento dentro da Península Ibérica, elas não se destacam frente ao objetivo presente neste artigo.

2 A união das personagens em meio à separação da Península Ibérica do restante da Europa.

A partir da explicação do que aconteceu com cada uma das personagens, em forma de apresentação, nota-se que, com o decorrer da viagem, elas encontram-se uma a uma, devido à sua característica em comum: considerar-se responsável pelo rompimento da Península Ibérica do restante da Europa. As personagens sentem-se estranhas, pelo acontecido, e é isso que as faz unirem-se.

Claudia Amorin, em *Nas fissuras da península e do sujeito: A jangada de pedra*, discorre a respeito disso: “Os novos tempos impõem a aceitação da fenda, ou seja, do nada,

do vazio que ganha nitidez quando tudo se desloca. Para suportar o vazio, tecem-se os laços de amor e amizade.”. Tudo acontece em meio ao movimento peninsular, fazendo com que, em um momento de separação, as personagens passem a unir-se.

Afirmando a união em meio à separação, Elisa Cristina da Silva, em *A jangada de pedra: Deslocamento no sentido do ser*, observa: “Os personagens, ao distanciarem-se do continente, rompem fronteiras não apenas espaciais, mas também interiores, e vão aproximando-se cada vez mais do outro e de si mesmos.” Mesmo em um momento de rompimento, a união ainda rege os seres humanos, em especial os narrados por José Saramago.

2.1 Relação amorosa: Joana Carda e José Anaiço

Esta relação inicia no momento em que José Anaiço vê Joana Carda sentada na recepção do hotel em que estava hospedado. Mesmo de longe, ele a observa, como descreve o narrador:

Parou José Anaiço à entrada da sala, viu uma mulher nova, uma rapariga, só pode ser esta, não há aqui outra pessoa, apesar de estar no contraluz dos cortinados das janelas parece simpática, ou mesmo bonita, veste calças e casacos azuis, de um tom que deve ser anil, tanto pode ser jornalista como não, mas ao lado da cadeira onde se senta tem uma pequena mala de viagem e sobre o joelho um pau nem pequeno nem grande, entre um metro e um metro e meio, o efeito é perturbador, uma mulher vestida assim não se passeia pela cidade de pau na mão, Jornalista não será, pensou José Anaiço, pelo menos não estão a vista os instrumentos do ofício, bloco de papel, esferográfica, gravador. (SARAMAGO, 1986, p. 112).

A partir do aparecimento de Joana Carda entre as três personagens que já viajavam juntas, no caso José Anaiço, Joaquim Sassa e Pedro Orce, os estorninhos que acompanhavam José Anaiço desaparecem: “Não sei dizer, porém há uma coincidência, os estorninhos foram-se quando a Joana apareceu” (idem, p. 125). Desde então, José Anaiço segue viagem sem a companhia daqueles que o protegeram desde o momento da ruptura até o aparecimento de Joana Carda. Com isso, dá-se a entender o princípio do romance entre ambos, pois com o “adeus” dos estorninhos, é Joana Carda quem será responsável por cuidar de José Anaiço.

Joana Carda e José Anaiço acabam por aproximar-se sem saber ao menos como explicar, apenas sentiam necessidade de estar perto um do outro:

Mas o que verdadeiramente conta é que por cima desses raciocínios bifurcados, é que Joana Carda e José Anaiço querem ir juntos no banco de trás, e em movimentos, pausas e aparentes distrações alguma coisa fizeram para isso. (idem, p. 134)

Tudo acontece de forma rápida entre este casal, pois mal eles se conhecem, conversam muito e Joana Carda logo após, em um momento de despedida, beija José Anaiço: “Disse

Joana Carda adeus até amanhã, e no último instante, quando já tinha um pé no chão, virou-se para trás e beijou José Anaíço, na boca, [...]” (idem, p. 148). A partir daí, o romance cresce, talvez pelo fato de viverem em uma jangada de pedra, em que se tornou a Península Ibérica, e não saberem ao certo o que está por acontecer com suas vidas. O casal aproveita os momentos juntos na própria viagem interna em meio à viagem externa.

2.2 Relação amorosa: Maria Guavaira e Joaquim Sassa

Este relacionamento só acontece após o aparecimento do Cão Constante que conduz as personagens ao encontro de Maria Guavaira. Um pouco antes de este encontro acontecer, Joaquim Sassa, ao ver Joana Carda e José Anaíço felizes em seus estados, sente uma ponta de inveja: “Tem fibra esta Joana”; em seguida, o narrador comenta: “e Joaquim Sassa sente outra vez a picada de inveja, mas a culpa já confessada é sua que não sabe de quem gostar.” (idem, p. 163-164). Neste momento da narrativa, as personagens já eram guiadas pelo Cão Constante, que as leva ao encontro de Maria Guavaira. Em determinado momento da viagem, Joaquim Sassa põe-se a caminhar atrás do Cão Constante, com o fio de lã em sua mão, até o momento em que o cão para e deita-se frente a uma porta aberta, quando aparece Maria Guavaira: “Do interior escuro da casa surgiu uma mulher. Tinha na mão um fio, o mesmo que Joaquim Sassa continuava a segurar.” (idem, p. 176). A troca de olhares por estar com o mesmo objeto na mão, no caso o fio de lã azul da meia, foi o ponto de partida para o relacionamento começar, fazendo com que Maria Guavaira pense:

É assim que eu sou, repara em mim, vieste ter à minha porta agarrado a um fio que estava na minha mão, poderei, se quiser, puxar-te para a minha cama, e tu virás, tenho a certeza, mas bela nunca serei, a não ser que tu me transformes na mais formosa mulher que alguma vez existiu, e fazem-na, pena é que não possa durar sempre. (idem, p. 180)

Joaquim Sassa passa a observá-la, como ele mesmo a descreve em determinado momento: “Não é bonita, pensou, mas também não é feia, tem as mãos gastas e fatigadas, não se comparam com as minhas, que são de empregado de escritório em gozo de férias pagas, [...]” (idem, p. 180)

A ligação entre eles é tão forte quanto a que aconteceu entre Joana Carda e José Anaíço. Páginas adiante, o narrador relata que o casal Maria Guavaira e Joaquim Sassa acorda juntos na cama dela: “Maria Guavaira acordou na primeira luz da madrugada. Estava no seu quarto, na sua cama, e havia um homem adormecido a seu lado.” (idem, p. 186).

As duas relações amorosas que acontecem entre as personagens d’*A jangada de pedra* demonstram a instabilidade em que todos se encontravam frente às mudanças externas.

Todos viviam de forma inconsequente e sem tempo de pensar muito a respeito do que faziam. Simplesmente estavam a andar juntos, pois como explica Samira Daura Botelho, em *A metáfora da jangada como heterotopia*, em que as personagens “nenhuma se conhecia, é a própria história que se encarrega de colocá-las no mesmo lugar, no mesmo momento, a fim de seguir uma mesma viagem, em busca de novos espaços externos e internos”.

2.3 Relação amigável: Pedro Orce e Cão Constante

O livro *A jangada de pedra* não é somente composto por relações amorosas. Tem-se o exemplo da relação amigável entre Pedro Orce e o Cão Constante, iniciada no momento em que o cão aparece para os viajantes, e Pedro Orce nota que o animal sente o mesmo que ele: “Pedro Orce passou-lhe a mão pelo dorso, depois voltou-se para os companheiros, Há momentos que avisam quando chegam, a terra treme debaixo das patas deste cão.” (SARAMAGO, 1986, p. 143). A partir deste momento, os viajantes seguem o cão ao encontro de Maria Guavaira; durante este percurso e mesmo após chegarem até a mulher, cria-se um laço de amizade muito forte entre o Pedro Orce e o Cão Constante: “Pedro Orce afagou o animal, e este, uma só vez, lambeu-lhe a mão magra” (idem, p. 166)

Pedro Orce, por ser a mais idosa das personagens, encontrava-se cansado dessa aventura e via apenas no cão o sentimento de amizade. As outras personagens achavam-se ocupadas em suas relações amorosas, e Pedro Orce é deixado de lado, gerando nele um profundo sentimento de tristeza:

Velho ou cansado já vai estando o coração de Pedro Orce. Agora tem de repousar amiúde e mais tempo de cada vez, mas não desiste, conforta-o a presença do cão. Trocam sinais um com o outro, como um código de comunicações que mesmo indecifrado é bastante, por ser bastante o facto simples de existir, a espádua do animal roça a coxa do homem, a mão do homem afaga a pele macia do interior da orelha do cão, [...] (idem, p.182).

O Cão Constante seguia Pedro Orce para onde quer que este fosse. Pedro Orce era sempre muito desconfiado, porque achava que ninguém acreditaria no que acontecesse com ele, pois o único que estava ao seu lado era o cão. Há uma passagem, ao longo da narrativa, em que Pedro Orce está no escuro e vê uma rocha em forma de barco:

foi então que reparou que os seus próprios pés assentavam sobre ela, a coisa, uma pedra enorme, com a forma tosca de um barco, e ali outra, comprida e estreita como um mastro, e outra ainda, esta seria o leme com o seu timão, ainda que partido. (idem, p. 183).

No dia seguinte, quando Pedro Orce quis contar e mostrar a seus companheiros de viagem, a tal pedra em forma de barco não se encontrava mais lá, gerando um sentimento, dos

outros para com ele, de achar que endoidecia. Porém, o único que lá estava a admirar tal fato era o seu companheiro Cão Constante, seu fiel amigo.

2.4 Relação amorosa: Joana Carda/Maria Guavaira e Pedro Orce

Este triângulo sexual começa sem saber que seria um triângulo. Inicia-se a partir do sentimento de tristeza que toma conta de Pedro Orce; as mulheres, penalizadas com isso, resolvem entregar-se para ele.

Maria Guavaira é a primeira a entregar-se a Pedro Orce. Acontece às escondidas, no momento em que Pedro Orce afasta-se, durante o período da noite: “Maria Guavaira levantou-se e caminhou na direção das árvores, por onde Pedro Orce fora.”. Algumas linhas adiante, o narrador relata que o cão havia voltado sozinho, e pouco mais adiante conta: “Enfim, Maria Guavaira voltou, já era a primeira sombra da noite. Veio sozinha.” (idem, p. 275). A relação entre ela e Joaquim Sassa fica estremeçada, pois ela retorna, deita ao lado dele e dorme.

A próxima a entregar-se a Pedro Orce é Joana Carda, levada pelo mesmo sentimento de Maria Guavaira: achava que ele sentia-se triste e quis dar-lhe uma felicidade. Ela teve a mesma atitude que Maria Guavaira: “Então Joana Carda levantou-se e caminhou na direção das árvores, para onde o Pedro Orce tinha ido com o cão.”. Logo após Joana Carda ter ido em direção as árvores, o cão retorna. Algum tempo depois, voltam Joana Carda e Pedro Orce: “Passou tempo, e Joana Carda voltou, vinha com ela Pedro Orce, que resistia, ela puxava-o mansamente, [...]” (idem, p. 276). Joana Carda e José Anaíço também sentem um sentimento de afastamento, depois do acontecido.

É a partir desse triângulo sexual que este artigo conclui. Tem-se uma atitude gerada a partir de um sentimento de piedade, que gera consequências fortes, frente ao momento em que viviam as personagens: Maria Guavaira e Joana Carda descobrem que estão grávidas, porém não sabem ao certo quem é o pai do futuro filho. “Foi aqui, numa destas aldeias, que Maria Guavaira e Joana Carda percebem que estavam grávidas. Ambas.” (idem, p. 289). Com isso, elas passam a refletir sobre a vida que levavam, sem precaução alguma e entregando-se aos homens de uma maneira irresponsável. Neste momento, a questão da paternidade as incomoda:

Não sei quem é o pai, disse Maria Guavaira, que foi a do exemplo, Nem eu, disse Joana Carda, que a seguiu depois por duas razões, a primeira para não ficar de menos em heroicidade, a segunda para emendar o erro com o erro, tornando a regra a exceção. (idem, p. 290)

Adiante o narrador relata que não apenas elas estavam grávidas, pois o que acontecia com elas, na narrativa do romance, estava a acontecer com todas as outras pessoas que viviam na península: “todas ou quase todas as mulheres férteis se declararam grávidas” (idem, p. 305-306).

A questão da paternidade não interessa tanto aqui, e sim a da gravidez. O que leva uma população inteira a viver assim, desregradamente após o desprendimento da Península Ibérica do restante da Europa? É este o ponto da questão. As pessoas não acreditavam mais na vida, pois não sabiam aonde chegariam, nem se sobreviveriam. Por isso, estavam interessadas em aproveitar a vida ou, quem sabe, seus últimos momentos. Outro ponto importante a respeito da gravidez é a questão da união de diferentes nacionalidades presente nas personagens do romance. Essas são oriundas de Portugal, Espanha e da comunidade autônoma da Galiza, gerando assim crianças com diferentes nacionalidades, logo, novas identidades são formadas.

A narrativa continua, e Pedro Orce acaba por falecer. É a partir do sentimento de morte, na ordem natural da vida, que uma gravidez aparece como a representação da renovação da vida. As personagens continuam a viver sem saber o que acontecerá, aonde a península chegará, mas, com essas novas vidas que estão a chegar, a existência ganha nova esperança. Em meio a uma viagem externa de deslocamento, as personagens viveram uma viagem interna, em busca de identidade, de aceitabilidade, pois tudo começa como uma novidade, e toda novidade assusta, porém, com o passar dos dias, dos encontros, elas passam a aceitar o destino que lhes impôs.

É o que Samira Dauto Botelho afirma: “No desenrolar da narrativa, os protagonistas acabam por se conhecerem e se aceitarem mais, transformando-se, de alguma maneira, em melhores indivíduos.”. Ou seja, com o tempo que passaram juntos e as experiências que tiveram, eles aceitaram a nova vida: “Os homens e as mulheres, estes seguirão o seu caminho, que futuro, que tempo, que destino. A vara de negrilho está verde, talvez floresça no ano que vem.” (SARAMAGO, 1986, p. 317). Com essa frase, José Saramago termina seu livro, deixando assim, para os leitores, a imaginação e a esperança de pensar o que acontecerá com as personagens e com a Península Ibérica, pelo autor chamada de *A jangada de pedra*.

Referências

- AMORIN, Claudia. *Nas fissuras da península e do sujeito: A jangada de pedra, de José Saramago*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2011/06/fissuras.pdf>> Acesso: 20/06/11.
- BOTELHO, Samira D. *A metáfora da jangada como heterotopia*. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/316.pdf>> Acesso: 20/06/11.
- GONÇALVES, Robson Pereira. *A navegação do desejo n'A jangada de pedra*. In: *Percurso do aprendiz: Literatura & Psicanálise*. Santa Maria: UFSM, Centro de Artes e Letras, Curso de Mestrado em Letras, 1997.
- IANNI, Octavio. *A metáfora da viagem*. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, 1988.
- SILVA, Elisa C. da. *A jangada de pedra: Deslocamento no sentido do ser*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_antteriores/n4/download/pdf/jangadapedra.pdf> Acesso: 20/06/11.